

Todo carnaval tem seu fim

Os parceiros Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito fazem da morte a matéria-prima de seus sambas

JULIANO GOMES, JULIO LOBATO, MARIA LUISA PORTO E VERÔNICA HERINGER

Mestiço, negro e índio, cara redonda, olhos negros e pele marrom. O rosto oleoso sob o calor de Jardim América. Cigarro aceso na mão esquerda. Na direita, o copo contendo seu ouro brilhante, apoiado sobre o balcão. Olhar fixo, quase vago, entre a embriaguez e a aguda concentração. Ao seu redor, seus companheiros de botequim pedem agitados que cantem algo. Nelson, igualmente embriagado parece um lorde ao lado deles. Cabelos brancos e penteados. Impassível. Esnobe nunca. Exaltado, muito menos. Nelson, em mais uma de suas intermináveis peregrinações nos botequins do Rio, pega seu violão, toca levemente no braço de quem o rodeia, e, num passe de mágica tudo pára: “Sei que é doloroso um palhaço / Se afastar do palco por alguém / Coma que a platéia te reclama / Sei que choras palhaço / Por alguém que não lhe ama”.

Nelson Antônio da Silva, filho de militar e sobrinho de um professor de violino, nasceu na Rua Mariz e Barros, na Tijuca. Conhecido simplesmente como Nelson Cavaquinho, ele foi talvez a maior personificação do artista popular. Seu reino: um violão,



Foto extraída do filme Nelson Cavaquinho

Nelson Cavaquinho e seu principal instrumento, o violão

um copo de cerveja, um botequim. Os olhos e ouvidos atentos ao estalar das cordas que precedem e acompanham o seu canto. Sua poesia evoca as desventuras do cotidiano, e, principalmente, a maior delas: o fim da vida.

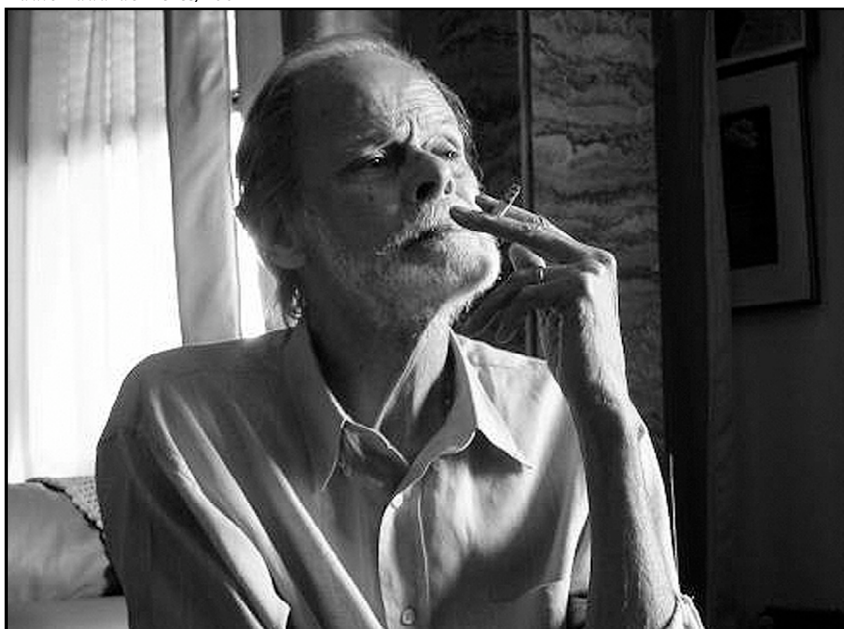
Talvez a primeira grande imagem que Nelson teve da morte e que ficaria sempre registrada em sua vida tenha sido a da gripe espanhola. A epidemia chegou a matar quase 300 mil em 1918. Outubro desse ano, mês do aniversário de Nelson, foi o mais tenebroso, quando a espanhola chegou a matar 8 mil pessoas em quatro dias.

– Eu morava na Rua Joaquim

Silva, na Lapa, e até hoje não me esqueço daqueles caminhões cheios de cadáveres passando – afirmou o músico.

Calça-balão

Parceiro maior de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito Bollhorst, nascido e criado em Vila Isabel, foi obrigado a largar os estudos e começar a trabalhar com 12 anos de idade. O motivo: a morte de seu pai, Alfredo Nicolau Bollhorst. Apesar de ainda ser criança, começou a bater ponto na Casa Edison como *office boy* para ajudar sua mãe no sustento da casa.



Guilherme de Brito, remanescente da geração de ouro do samba

Ainda muitos anos antes de conhecer o parceiro que o tornaria ilustre, Guilherme tinha uma história de proximidade com o meio musical. Apesar de não possuir um piano em casa, sua mãe sabia tocar o instrumento e o pai, que tocava violão, promovia se-
restas, sempre convidando músicos e compositores para noites de animadas reuniões.

No trabalho, Guilherme era o encarregado de espanar a poeira das vitrolas da Casa Edison, onde Sinhô e Donga, pioneiros do samba, gravavam seus discos. Foi também no trabalho que sua primeira composição foi feita. Como na época era necessário estar vestido de paletó, calça e gravata para ir trabalhar e Guilherme e sua mãe não tinham condições de comprar as peças, ele recebeu doações de dois amigos: um lhe emprestou as calças e outro o paletó, enquanto sua mãe criou uma gravata recortando um pedaço de pano.

Ao chegar ao trabalho, Guilherme foi então o protagonista de uma situação humilhante: seus colegas o chamaram de “calça-balão” pelo formato e tamanho da calça, que não havia sido feita ou comprada para ele. Este passou a ser o título de sua primeira composição, da qual ele nem se recorda mais. Lembra-se apenas da humilhação e diz que esse foi um grande estímulo para continuar compondo.

Filho de pais pobres, Guilherme gastava seus momentos de lazer peregrinando pelas ruas de Vila Isabel com um cavaquinho na mão. Autodidata na música e na pintura (sua outra paixão), o jovem rapaz tocava trechos de músicas para quem solicitasse e conta que, assim, foi ganhando seus primeiros cachês, como as frutas que o dono de uma quitanda lhe dava após a execução de alguma música.

Solidão peregrina

E foi assim, nessa trajetória er-

rante, pegando carona no portamalas de Noel Rosa e frequentando estações de rádio à procura de alguém que gravasse uma de suas composições que Guilherme foi se aproximando cada vez mais dos sambistas e compositores, sem saber ainda que mais tarde encontraria em uma mesa de bar seu maior parceiro, Nelson Cavaquinho.

Assim como conheceu Noel Rosa na Vila, foi também peregrinando que Guilherme encontrou Nelson. Sempre fora um sonho seu apresentar uma composição àquele que já começava a ganhar notoriedade nas rodas de samba e na gravação de alguns discos de artistas famosos.

A amizade entre os dois já nasceu da parceria. Um dia ao ver a roda de pessoas se formando ao redor de Nelson, Guilherme se aproximou e cantou a primeira parte de um samba, Garça. Nelson aceitou e topou a célebre parceria, no ato.

– Nelson já era conhecido, tinha *Degraus da vida*. Ofereci a ele, humildemente. Daí, foi dando certo, eu fazia as primeiras partes e ele continuava, então combinamos de sermos parceiros exclusivos, mas volta e meia ele pulava a cerca.

E do encontro nasceu uma espécie de paixão em que os frutos eram quase sempre iluminados pela “luz negra” da morte. Fascinado pelo novo parceiro que conheceu em mesas de bar, Guilherme começou a compor versos em que a tristeza era o sentimento predominante.

– Sempre achei que a tristeza toca mais fundo às pessoas do

que a alegria – confessou em entrevista ao *site* Samba-Choro.

Além de compartilhar dessa visão de que “sem um bocado de tristeza não se faz um samba não”, Guilherme passou a conhecer e respeitar seu novo amigo. A melancolia que Nelson sentia, sua solidão de peregrino, a ausência de um encargo que lhe ocupasse os dias, a fissura pela mesa de bar, pela cerveja escura e gelada, pelo samba de improvisação.

E foi compreendendo um pouco da dor de Nelson que Guilherme compôs os versos que, mais tarde, ficaram conhecidos como uns dos mais bonitos da música popular brasileira “tire seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor / hoje pra você eu sou um espinho, espinho não machuca a flor”. Segundo ele, foi exatamente numa mesa de bar, observando uma linda e sorridente mulher e incorporando o espírito melancólico de Nelson, que nasceram esses versos, que depois Cavaquinho viria a completar com: “é no espelho que eu vejo minhas mágoas / E minha dor e os meus olhos rasos d’água / eu na sua vida já fui uma flor / hoje sou espinho em seu amor”

Samba macabro

A morte sempre foi tema de sambas e esteve presente nas composições que embalavam cordões de carnaval desde o início do século XX. A expressão da tristeza popular por meio de sambas cantados em cerimônias que esbanjavam alegria compunha crônicas de uma história que ficava à margem das páginas de

jornal e da literatura da alta classe.

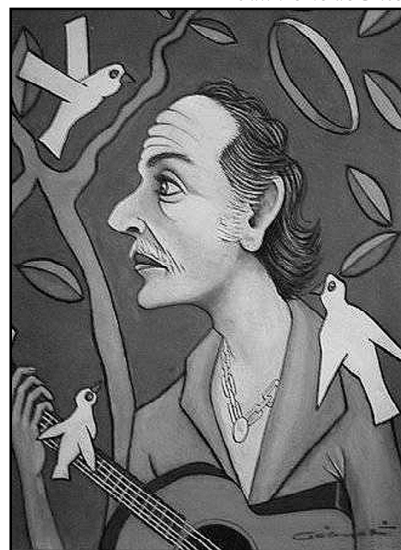
Um episódio que ilustra de forma lírica a convivência pacífica entre a morte e a alegria carnavalesca ocorreu em 1902, durante o enterro de dois foliões mortos em confronto com um bloco adversário. Argelino Gonçalves, o Boi, e Jorge dos Santos, integrantes do cordão Filhos da Estrela de Dois Diamantes eram cortejados por integrantes de diversos blocos, no caminho entre o necrotério e o cemitério. Os caixões, negros e pobres, passavam em meio à massa de foliões fantasiados em profusão de cores e temas diferentes, rodeados por flores, instrumentos e os rufos dos tambores.

“Música minha e do Nelson, quem tiver assinando junto pagou para entrar”

Guilherme de Brito

“Só o povo diverte-se não esquecendo as sua chagas, só a população desta terra de sol encara sem pavor a morte nos sambas macabros do carnaval” sintetizou João do Rio. Essa era a expressão fiel do sentimento popular de que o fúnebre e o lúdico têm pontos de encontro.

Também Noel Rosa, grande compositor da época de ouro do samba nos anos 1920, expressaria com destreza o sentimento antagônico da presença da morte nos ares do carnaval. Nas primeiras estrofes de *Fita Amarela*



Auto-retrato de Guilherme de Brito

(1933), o poeta exalta seu sentimento fúnebre incorporando uma mulata sambando à imagem de seu próprio caixão: “Quando eu morrer / não quero choro nem vela (...) se existe alma / se há outra encarnação / eu queria que a mulata / sapateasse no meu caixão (...) só quero choro de flauta / com violão e cavaquinho...”.

Nestes versos, Noel mostra-se tranqüilo ao encarar a morte, talvez com um sentimento próximo ao expressado por Nelson e Guilherme de Brito em *Pranto de um poeta*. Nesta composição, a certeza de que um pranto alegre e sem lenço soasse através do pandeiro e do tamborim após a morte do poeta evoca a resignação do rei vadio e de seu fiel companheiro. Os versos “vivo tranqüilo em Mangueira / porque sei que alguém há de chorar / quando eu morrer” se juntam a outras composições de sambas famosos como *Na cadência do samba*”, de Ataulfo Alves e Paulo Gesta, que demonstram a inclinação dos artistas populares do samba a

esse sentimento de resignação próprio do ritmo. “Quero morrer numa batucada de bamba / na cadência bonita do samba”.

Deus, o criador

Assim como a morte, Deus também é um tema recorrente na obra de Nelson e seu parceiro Guilherme. A mãe de Nelson trabalhava como lavadeira no Convento das Carmelitas, em Santa Teresa. Em sua casa, onde morava com sua última mulher, Durvalina, no Jardim América, havia um altar com imagens de São Cosme e São Damião, Jesus Cristo, um Preto Velho, São Sebastião, e outras divindades, rodeando um prato com moedas, sobre um pano branco que cobria a mesinha baixa. Um dia, um amigo perguntou-lhe ao passar em frente a uma igreja:

– Nelson, você fala tanto em Deus nas suas músicas, porque não entra nessa Igreja aí?

– Porque não posso – Nelson respondeu, grave.

– Por causa de quê?

– Por que eu bebo – disse, fechando o assunto

Segundo seu parceiro maior, Guilherme de Brito, Nelson era do tipo que se despedia com um “Deus te abençoe, meu filho” e afirma: “ele não ia à Igreja, mas era muito religioso”. Em sua parceria *Meu caminho* os últimos três versos mostram essa reverência: “Só posso agradecer a Deus o criador / Que me deu tudo o que mereço / Estou tranqüilo com o meu amor”.

“Não sei negar esmola”

A grande ligação de Nelson com a religião se dá em um dos seus principais traços: a generosidade.

Embora estivesse quase sempre sem dinheiro, tocando para poder beber, quando recebia algum dinheiro estava sempre a reparti-lo com quem fosse. O compositor Paulo César Pinheiro afirma que “Nelson ganhava seus cachês e algumas vezes, pela manhã, no final de suas sessões de botequim, se via sem dinheiro para voltar para casa, pois havia distribuído tudo entre os ali presentes”.

O jornalista Sérgio Cabral confirma esse forte traço altruísta:

– Poucas vezes vi pessoas tão temas no tratar com seus semelhantes, com a gente simples e humilde – prostitutas, marginais, trabalhadores, bêbados e mendigos – que povoava seu mundo cotidiano. Nelson, em depoimento ao cineasta Leon Hirszman para o documentário que leva o seu nome, afirma que seu samba

Músicas

Quino

Depois da vida

(Guilherme de Brito / Nelson Cavaquinho)

Passei a mocidade esperando dar-te um beijo
Sei que agora é tarde, mas matei o meu desejo
É pena que os lábios gelados como os teus
Não sintam o calor que eu conservei nos lábios meus.

No teu funeral estás tão fria assim
Ai de mim, e dos beijos meus
Eu te esperei, minha querida
Mas só te beijei depois da vida

Eu e as flores

(Guilherme de Brito / Nelson Cavaquinho)

Quando eu passo
Perto das flores
Quase elas dizem assim
Vai que amanhã enfeitaremos o seu fim
A nossa vida é tão curta
Estamos nesse mundo de passagem
Ó meu grande Deus, nosso criador
A minha vida pertence ao senhor

Quando eu me chamar saudade

(Guilherme de Brito / Nelson Cavaquinho)

Sei que amanhã
Quando eu morrer
Os meus amigos vão dizer
Que eu tinha um bom coração
Alguns até hão de chorar
E querer me homenagear
Fazendo de ouro um violão
Mas depois que o tempo passar
Sei que ninguém vai se lembrar
Que eu fui embora
Por isso é que eu penso assim
Se alguém quiser fazer por mim
Que faça agora
Me dê as flores em vida
O carinho
A mão amiga
Para aliviar meus ais
Depois que eu me chamar saudade
Não preciso de vaidade
Quero preces e nada mais

“mais sincero” é *Caridade*. Dentre as mais de 600 canções que compôs, esse era seu samba preferido:

“Não sei negar esmola / A quem implora a caridade / Me compadeço sempre de quem tem necessidade / Embora algum dia eu receba ingratidão / Não deixarei de socorrer a quem pedir um pão / Eu nunca soube evitar de praticar o bem / Porque eu posso precisar também / Sei que a maior herança que eu tenho na vida / É meu coração, amigo dos aflitos / Sei que não perco nada em pensar assim / Porque amanhã não sei o que será de mim”

Samba comprado

Sua generosidade também se expressa na frequência em que Nelson fornecia a autoria de seus sambas a qualquer um que lhe oferecesse algo, lhe pagasse uma

conta de bar, ou uma ínfima quantia de dinheiro. Sobre o assunto, Guilherme de Brito é categórico: “música minha e do Nelson, quem tiver assinando junto pagou para entrar”.

Uma dessas canções creditadas a duvidosos autores, é *Luto*. Guilherme conta que sempre que compunha algo mostrava para sua sogra. Segundo o compositor “ela tinha o gosto muito apurado”. Já nos primeiros versos da nova canção, os olhos de sua ouvinte foram mareando. Mesmo desconcertado continuou:

– Foi aí que eu lembrei que naquela semana havia falecido uma neta dela, de doença azul, uma doença que tinha antigamente. Eu continuei cantando, ela continuou chorando e eu me lembrando que não era hora de cantar pra ela.

Daí nasceram os versos: “Respeite a minha dor / Não cante agora / Perdi meu grande amor / Faz uma hora / O seu gesto é muito feio / Você deve respeitar o mal alheio / Eu também já fui feliz até que um dia / O luto envolveu minha alegria”.

Nesse mundo de eterno sofrer e sorrir, estes poetas populares (que até hoje não detêm todos os louros que merecem) se tornaram os cronistas das pequenas e grandes mortes do dia a dia. Suas vozes representam a “dor que não sai nos jornais” da qual se referiu Zé Ketí. O violão estalado, acompanhado das roucas vozes de Nelson e Guilherme, é uma das mais autênticas representações do trágico e do lúdico, que tanto teimam em misturar-se ao longo desse triste samba que é viver.



O repouso do samba

LIVROS

Fala Mangueira!

Carlos Cachaca, Marília T. Barboza da Silva e Arthur L. Oliveira Filho
Editora José Olympio
1980

Nelson Cavaquinho: enxugue os olhos e me dê um abraço
Flávio Moreira da Costa
Coleção Perfis do Rio
Relume-Dumará
S/D

Nelson Cavaquinho: luto e melancolia na Música Popular Brasileira
José Novaes
Editora Intertexto e Oficina do Autor Editora
2003

DISCOGRAFIA

Roda de Samba

A Voz do Morro
1964 / Musidisc

Elizete sobe o morro

Elizete Cardoso
1965 / Copacabana

Telma canta Nelson Cavaquinho

Nelson Cavaquinho
1966 / CBS

Fala Mangueira!

Carlos Cachaca, Cartola, Clementina de Jesus, Nelson Cavaquinho e Odete Amaral
1968 / Odeon

Quatro do samba

Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, Candeia e Elton Medeiros
1977 / RCA Victor

A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes

Nelson Cavaquinho
2000 / SESC - SP

Nome sagrado – Beth Carvalho canta Nelson Cavaquinho

Beth Carvalho
2001 / Jam Music

FILME

Nelson Cavaquinho

Direção: Leon Hirszman
Fotografia: Mario Carneiro

Montagem: Eduardo Escorel

Saga Filmes
1969